

Sociabilidade festiva e espaço público em Belém-Pará¹

Carmem Izabel Rodrigues/UFPA

Clélio Palheta Ferreira/UFPA

Resumo: Propõe-se a analisar relações entre espaço urbano e sociabilidade festiva em bairros da periferia de Belém-Pará, através da apropriação e uso de determinados espaços do bairro, transformados, em dias de eventos festivos, em “espaços culturais” onde se misturam o público e o privado, através de práticas de uso, troca, consumo e circulação de bens simbólicos. Ao enfatizar a presença de relações criativas e produtivas entre as formas de sociabilidade local, busca demonstrar que a sociabilidade festiva pode ser também uma forma de ação.

Palavras-chave: sociabilidade, práticas culturais, festas populares

Este artigo apresenta os resultados atuais de um Projeto de Pesquisa iniciado em 2007, e que surgiu como um desdobramento do trabalho desenvolvido e apresentado por Rodrigues (2006) ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “*Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém*”. Inserido no campo de estudos de antropologia urbana, o projeto buscou relacionar estudos de cultura popular, sociabilidade festiva e espaço urbano, a partir da análise de práticas culturais de moradores dos bairros localizados na área sul da cidade de Belém, próximos ao rio Guamá, muitos deles migrantes ou descendentes de migrantes das áreas ribeirinhas próximas de Belém.

No trabalho anterior, tomamos a cidade amazônica contemporânea como um contexto onde se produzem formas de sociabilidade e processos de identificação e de construção de identidades, que articulam o global e o local, o tradicional e o moderno, o urbano e o rural, e a noção de sociabilidade (Simmel, 1983) como uma categoria mediadora da construção identitária em espaço urbano. Para viver a cidade e conquistar um lugar na modernidade, migrantes de origem ribeirinha colocam em operação redes de sociabilidade a partir das quais organizam práticas coletivas de uso, consumo, apropriação e produção de sentido dos espaços públicos urbanos, através dos quais constroem processos de identificação e (re)constroem identidades articuladas à localidade do bairro e, ao mesmo tempo, a contextos mais amplos relativos à cidade.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, em Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Destacam-se, entre as práticas inseridas no contexto referido, as festas populares (carnaval, festas juninas, festas de santos católicos, muito deles sincretizados e incorporados às festas de caboclo, umbanda e mina) realizadas periodicamente por moradores dos bairros do Jurunas, Condor e Guamá, localizados à beira do rio Guamá. Através dessas festas, de sua fabricação constante durante todo o ano, colocando em operação redes de relações de parentesco, amizade e vizinhança, os sujeitos se constroem a si mesmos como habitantes de um bairro com tempo e espaço próprios – um lugar – onde vivem suas vidas, reproduzem suas práticas cotidianas e garantem, através dessas práticas de uso e apropriação desse lugar, o direito à cidade.

No sentido de relacionar os eventos festivos, as redes de sociabilidade e os espaços onde esses processos ocorrem, buscamos analisar as festas populares:

a) como *pequenos rituais da vida cotidiana* (Connerton, 1989; Cavalcanti, 2002), que conjugam formas de lazer, sociabilidade e ação política (Amaral, 1998). Como momentos privilegiados de manifestação e expressão da identidade, as festas de bairro tornam-se eventos rituais produzidos/consumidos em uma *esfera pública alternativa* (Costa, 2002; Fortuna, 2002), ao mesmo tempo lúdica e reflexiva (Costa, id.), e reproduzidos na memória coletiva de seus produtores/consumidores.

b) como *práticas culturais* operacionalizadas através de redes de sociabilidades locais, e dinamizadas através de diversas formas de ocupação a apropriação dos diferentes espaços do bairro e da cidade, incluindo estratégias e táticas de uso e circulação por esses espaços (De Certeau, 2000).

Estabelecer o foco de estudo nas práticas culturais implica em uma posição teórica e metodológica que concebe a cultura como um campo relativamente autônomo da realidade, um sistema simbólico que, se não existe separado dos grupos sociais, de suas condições materiais de existência e de seus interesses políticos, pode sempre ultrapassar esses limites e contingências para se constituir como um sistema de valores e crenças, escolhas e preferências, práticas e comportamentos. Uma análise cultural da realidade implica em olhar esses sistemas de pensamento e ação como sistemas simbólicos (Geertz, 1978), comunicativos (Leach, 1966) e performativos (Austin, 1990; Tambiah, 1985).

A noção de prática cultural, enquanto um conceito sociológico que pretende cobrir toda atividade/ação humana carregada de sentido tornou-se popular na década de 1970, através das pesquisas de Bourdieu (2002, 2007) sobre estilo de vida e consumo de bens simbólicos, espaço social e capital cultural, e de De Certeau (2000) sobre as maneiras e artes

de produzir o cotidiano², assim como através dos estudos de cultura popular e história oral realizados por pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), Hoggart (1975), Williams (2000) e Thompson (1987), que buscavam entender os valores e práticas sócio-culturais da classe operária inglesa. Mas não seria exagero afirmar que, no final do século XIX e início do século XX, sociólogos como Simmel e Weber, Mauss e Durkheim, e antropólogos como Morgan e Frazer, Malinowski e Radcliffe-Brown, já estavam analisando sistemas de valores e padrões de comportamentos que poderiam perfeitamente ser hoje rotulados como práticas culturais, sociais, ideológicas...

A noção *simmeliana* de sociabilidade foi usada aqui para analisar formas e processos micro-sociológicos de interação, com um forte conteúdo lúdico e igualitário, entre sujeitos e grupos que se constituem e se relacionam, nos espaço do bairro e por ocasião das festas, através de redes de associação e cooperação que incluem amigos, irmãos, vizinhos, colegas e *chegados*, o que não significa ausência de conflitos e discordâncias, assim como de interesses específicos e lutas por afirmação e distinção (Bourdieu, 2007). Essas redes se concentram de modo muito forte por ocasião das festas, incluindo grande quantidade de pessoas que se reúnem para as festas – e nas festas – como um fim em si mesmo, mas incluem também pessoas que trabalham e vivem economicamente da festa. O evento festivo abre espaço, nesse momento, para que todas essas pessoas se organizem para fazer reivindicações, aos órgãos públicos e também a instituições ou grupos privados, para o bairro onde moram (melhorias das ruas, do sistema de água, luz, esgoto, posto de saúde, posto policial, transporte, etc.) e isso é feito, muitas vezes, por ocasião das festas e no próprio espaço onde elas acontecem.

Práticas culturais populares podem ser informais e, ao mesmo tempo, educativas, como no caso das brincadeiras e jogos populares analisadas por Azevedo (2005), em que “o processo de ensino-aprendizagem das brincadeiras populares é uma construção coletiva que se dá na rua, na família ou nos grupos culturais” e onde “o ato de aprender precede o ato de ensinar” e, na repetição da brincadeira, o brincante “aprende brincando, aperfeiçoa o saber já aprendido”. Práticas carnavalescas, por exemplo, de marcam identidades como as de sambista, carnavalesco, artesão do carnaval, produtor cultural, etc... Como nos casos estudados por Gonçalves (2001) e Vasconcelos (1999), os grupos sociais produzem e ao

² Pierre Mayol utiliza o conceito de prática a partir da tradição antropológica, como “sistemas de valores subjacentes que estruturam as tomadas de posturas fundamentais da vida cotidiana, que passam despercebidos à consciência dos sujeitos, mas são decisivos para sua identidade individual ou de grupo” (De Certeau, 2000: 347)... Para Mayol, o conceito de prática cultural combina, de modo fluido mas coerente, “elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), passados por uma tradição (de família ou grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade fragmentos desse dispositivo cultural...”. A prática é “decisiva para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente” (De Certeau, 2000: 39-40).

mesmo tempo se reproduzem no samba. Ao fazerem o carnaval, através dos saberes específicos, os sujeitos e a comunidade se constroem mutuamente.

O uso consentido, permitido ou simplesmente apropriado, desses espaços, pelos participantes dos referidos eventos, possibilita a ampliação, assim como a amplificação, dessas práticas, cuja dinâmica produz uma *esfera pública alternativa* (Costa, 2002) de natureza lúdica, satírica, carnavalesca, que permite, aos participantes, postular uma identificação com esse tipo de evento, e uma identidade em comum, que se apóia ao mesmo tempo na idéia de pertencimento ao bairro e de integrante do evento, como veremos a seguir.

Sociabilidade festiva e identidade: a Passagem Pedreirinha do Guamá

Os procedimentos metodológicos utilizados valorizaram a pesquisa qualitativa, através da prática etnográfica. Essa metodologia de pesquisa incluiu a frequência às principais festas e procissões que circulam entre os limites dos bairros do Jurunas, Condor e Guamá, assim como a realização de entrevistas com sujeitos que organizam e/ou participam dessas festas, no sentido de mapear essas redes de sociabilidade festiva, assim como interpretar suas representações sobre essas práticas culturais.

O bairro do Guamá foi incluído através de uma pesquisa que tratou das relações de sociabilidade festiva e espaço público na Passagem Pedreirinha do Guamá, vista como um espaço cultural onde se misturam, em dias de eventos festivos, o público e o privado, o próximo e o mais distante, através de práticas culturais de uso, troca, consumo e circulação de sujeitos e bens simbólicos, incluindo frequências aos ensaios para o carnaval, às festas juninas, às procissões e outras atividades, que produzem, a cada evento, sentimentos de pertencimento ao lugar (a rua e o bairro), assim como abrem espaços para o ensino-aprendizado das técnicas e saberes práticos, aprendidos através de vivências pessoais e transmitidos de geração a geração, a cada evento.

Nessa Passagem, que começa na Avenida José Bonifácio, a principal artéria do bairro, e vai até a travessa Barão de Mamoré, em um espaço sinuoso de cerca de 500 metros de extensão, concentram-se associações comunitárias, (Associação dos Moradores da Pedreirinha do Guamá, Associação em Defesa dos Direitos do Negro no Pará), associações carnavalescas (a Escola de Samba Bole-Bole, do Grupo Especial do carnaval de Belém, a Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê e o Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe) e juninas (Cordões de Pássaros, Quadrilhas Juninas e o Boi Malhadinho do Guamá), assim como arranjos associativos voltados para a realização da festividade mais importante da rua, a festa

de São Pedro e São Paulo, que encerra o ciclo junino. Lá funciona também, desde o século XIX, um terreiro de mina, e uma igreja evangélica, de fundação mais recente.

A escolha dessa passagem se justifica porque ali ocorre, durante todo o ano, uma série de eventos festivos, entre os quais se destacam cortejos carnavalescos, juninos e, ainda, religiosos. Esses eventos produzem (ao mesmo tempo em que são produzidos por) uma intensa convivência entre os participantes, ligados entre si através de redes de sociabilidade pautadas nessas relações, particularmente nos períodos de preparação e realização de eventos ligados ao carnaval e à quadra junina, através de atividades que ocorrem tanto na rua propriamente dita como no interior das instalações da Escola de Samba Bole Bole, incluindo-se as atividades de preparação para o desfile oficial promovido anualmente pela Prefeitura Municipal de Belém. Além dessas, inserem-se as atividades relativas ao Bloco Carnavalesco Mexe Mexe que participa do concurso promovido pelos órgãos oficiais componentes da estrutura da referida prefeitura e promove atividades de conagração entre os moradores, como é o caso de atuar na garantia da realização da festa de São Pedro e São Paulo, existente na passagem há 52 anos, a qual, nos últimos anos, tem sido possível graças aos esforços de pessoas ligadas ao referido bloco carnavalesco, particularmente seu presidente, um dos interlocutores abordados pela pesquisa.

No processo de coleta de informações e análise dos dados, levou-se em consideração o envolvimento das pessoas nesses eventos, particularmente no concernente às atividades da Escola de Samba Bole Bole e do Bloco Carnavalesco Mexe Mexe, cujas direções promovem a participação de moradores da passagem em seus ensaios e desfiles, bem como nas atividades preparatórias dos mesmos. Além disso, observou-se que a escola de samba referida possui um espaço coberto, constituído de equipamentos como palco, bar e sanitários, onde são realizadas atividades ou manifestações culturais e, de algum modo, registra-se a participação criativa dos moradores da passagem, confirmando assim a existência de uma rede de sociabilidade local, mas que ultrapassa os limites da própria passagem e até do bairro do Guamá.

Embora tenha sido notada nos últimos anos, através de depoimentos colhidos junto a interlocutores moradores da passagem ou diretamente envolvidos com a promoção de práticas culturais no bairro e/ou na passagem, uma redução de atividades promovidas pela escola de samba referida, observou-se que, sempre que acontecem, abrangem pessoas que residem na passagem e no bairro do Guamá ou ainda algumas oriundas de outros bairros de Belém. Portanto, o espaço do qual dispõe essa escola de samba, que funciona como sua sede própria, está sempre ocupado pelas manifestações culturais populares ali existentes, arrolando-se aí redes de convivência e interação com a participação de parentes, vizinhos, amigos, conhecidos e “chegados”.

Desse modo, trata-se de um espaço visto como uma extensão de acontecimentos que se iniciam na rua, como manifestações espontâneas, e se inserem nos acontecimentos de ordem cultural que ocorrem no interior da própria escola de samba. Portanto, o espaço da escola, como uma extensão da própria rua, é usado pelos moradores da passagem para que ali se desenvolvam atividades culturais, além de outras para as quais a direção de escola de samba, sempre que possível, cede as instalações existentes em sua sede.

As atividades observadas e inseridas nesses contextos envolvem, de um lado, criações de indumentárias usadas nas manifestações da cultura popular, realizadas por moradores da passagem; ensaios de ritmos e danças que se manifestam na exposição dos resultados dos trabalhos desenvolvidos pelos brincantes e por seus familiares, sendo esses ensaios, muitas vezes realizados na própria rua. E, de outro lado, incluem possibilidades de trocas entre produtores de materiais necessários à realização dos eventos e a geração de novas possibilidades alternativas ligadas aos mesmos.

A Escola de Samba Bole Bole³, sediada na Passagem Pedreirinha, fundada em 1984, é um ponto fundamental para a realização da pesquisa de campo, uma vez que a partir dela se desenvolveram e se desenvolvem várias atividades de geração de cultura popular na passagem referida, funcionando como um espaço cultural de referência no “pedaço” (Magnani, 1996), destacando-se: a realização de ensaios e oficinas ligadas ao Projeto Xequerê que iniciou suas atividades, a partir de 2000, nas dependências da escola de samba, ressaltando-se principalmente o fato dessas atividades serem voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes, tendo gerado “frutos” bastante significativos no alcance de seus objetivos, embora hoje sobreviva à míngua por falta de patrocínio; ensaios e oficinas musicais ligadas ao projeto de resgate cultural do Boi Bumbá Malhadinho do Guamá, iniciado no interior da escola de samba, no final da década de 1980, e hoje sediado na Passagem Pedreirinha, destacando-se pelo desenvolvimento de atividades importantes também voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco.

Por outro lado, a realização da festa de São Pedro e São Paulo, nos dias 28 e 29 de junho de 2007, evidenciou a presença de relações bastante interessantes no contexto em análise, ou seja, a questão da sociabilidade festiva na relação com o espaço urbano, mais precisamente o espaço da rua, transformada nos dias da festa em “espaço cultural apropriado por uma rede de usuários coletivos que nela circulam”.

A relação desse evento com o carnaval se evidencia no fato das agremiações carnavalescas sediadas na passagem Pedreirinha contribuírem, de algum modo, para que a

³ Sobre a história da Escola de Samba Bole Bole, ver FERREIRA, Clélio Palheta. Sociabilidade festiva e espaço público: O caso da Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém-Pará. Relatório PROPESP/UFPA, 2008: 2-4.

feita, composta de características religiosas e juninas, possa se realizar. Por exemplo, nos últimos anos, tem-se recorrido ao Bloco Carnavalesco Mexe Mexe ou às possibilidades de relações abertas por esse bloco com os órgãos responsáveis pela área cultural do Município de Belém, com a finalidade de se negociar alguns apoios de ordem logística para a realização da festa. A própria Escola de Samba Bole Bole também contribui, sempre que possível, com a cessão de suas dependências para que sejam realizados alguns eventos de apoio à referida festa, dentre outros, quando solicitada pelos moradores da passagem ou do bairro.

O conteúdo das entrevistas realizadas com interlocutores moradores da Passagem Pedreirinha, além de destacar a prática cultural contida nos cortejos ou eventos culturais dos quais participam, apresenta também a indicação do recurso político e econômico referido acima, particularmente quando permitem a exposição da passagem perante o bairro do Guamá ou a cidade de Belém, por seu reconhecimento como um espaço onde ocorrem as manifestações culturais tal como lá se realizam. Além disso, quando os próprios moradores, ao se identificarem com essas manifestações, procuram se relacionar através de uma associação também baseada na existência desses eventos ou práticas culturais que deles derivam para reivindicarem, por exemplo, a melhoria da rua ou de seu leito perante os órgãos oficiais responsáveis por isso, caracterizando-se aí todo um processo de participação cidadã.

O bairro do Guamá em Belém evidencia-se como um “bairro popular, de periferia”, ou seja, “um excelente contexto para se perceber a relação entre as formas de sociabilidade e a delimitação do espaço urbano”. Diante disso, apresenta-se com uma série de alternativas para o entendimento e/ou aplicabilidade do conceito de sociabilidade ou qualquer outro assunto que abranja as questões sociais de modo geral, haja vista que se trata de um bairro considerado com um dos mais violentos da cidade de Belém, destacando-se nisso os excessos na ênfase, especialmente da imprensa, dada aos acontecimentos ligados à violência urbana em todas as suas nuances. Porém, ao mesmo tempo, é um dos bairros dos mais significativos da capital paraense na expressão da cultura popular e suas manifestações que, com uma série de dificuldades, consegue, felizmente, envolver a maioria da população nele residente. No contexto desse bairro, a Passagem Pedreirinha do Guamá destaca-se por sua identificação com a cultura popular tão expressiva no bairro de modo geral, sendo marcante sua relação com as manifestações culturais a tal ponto que sempre sua referência vem acompanhada de uma relação com essas atividades.

Finalmente, a pesquisa realizada procurou visualizar e analisar as alternativas de geração de novas formas de sociabilidade, pautada na importância que vem assumindo a passagem Pedreirinha do Guamá como criadora, através de seus moradores, de manifestações culturais que vão de agremiações carnavalescas (escola de samba e blocos) à existência de

manifestações juninas como quadrilhas, casamento na roça e bois bumbás, participantes ou não de eventos oficiais promovidos pelo poder público municipal de Belém, e ainda de projetos voltados para a inclusão social de crianças e jovens em situação de risco, casos do projeto de resgate do Boi Malhadinho do Guamá (que completará 20 anos em 2008) e do projeto Xequerê, iniciado no início da década de 2000, de onde deriva a Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê, os quais, além de participarem dos eventos referidos, desenvolvem atividades através de oficinas ou ensaios musicais e artesanais, tendo em vista a criação de alternativas que interferem nas formações de mentalidades de jovens e crianças, e também de adultos, envolvidos pelas atividades de modo geral, como: costuras, criação de indumentárias, composições musicais, elaboração de enredos, atividades de apoio logístico, contatos com grupos de outros bairros da cidade de Belém e até de outras cidades do estado e do país, onde se trocam experiências que objetivam sempre a melhoria das atividades que vêm sendo desenvolvidas no decorrer do tempo.

Essas atividades se desenvolvem durante o ano todo e no decorrer de vários anos, até mesmo de várias décadas, tendo gerado nesse tempo uma série de resultados satisfatórios quanto à inclusão social das pessoas envolvidas pelas atividades culturais objeto desta pesquisa, bem como a busca de redução do número de crianças e adolescentes em situação de risco, evidentemente, considerando-se a composição e a troca de atividades das instituições existentes ou grupos de pessoas que de alguma forma trabalham na Passagem Pedreirinha, bem como suas relações com outras atividades voltadas para esse objetivo que vêm sendo desenvolvidas por outras instituições governamentais ou não na cidade de Belém ou num contexto social mais amplo que este.

Sociabilidade festiva, criatividade e agência: a fronteira Jurunas/Condor

As observações etnográficas, acrescidas das entrevistas realizadas com interlocutores privilegiados, alguns dos quais se auto-denominam produtores culturais, confirmaram a presença de uma ampla rede de sociabilidade local e que, em momentos decisivos, transcende os limites da rua e do bairro, consegue agregar e mobilizar os sujeitos em função das festas, ampliar o capital social e simbólico dessas redes de interação sociais e colocar em operação um espaço de sociabilidade festiva onde os sujeitos circulam, trocam informações, transmitem saberes e práticas, revivem eventos compartilhados através da memória coletiva de outras festas, agenciam as festas que ainda virão, cujo *resgate* cultural, entendido como *missão*, é função direta da consciência de estar no mundo para “levar nossa cultura ao mundo (...) para nunca perder a identidade”.

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber, nas falas dos interlocutores, um conjunto de concepções e percepções sobre suas práticas, como fazendo parte de um campo de interações onde participam diversos segmentos e grupos, dentro de um espaço social diversificado e multifacetado, que inclui desde as redes de relações e os espaços domésticos, assim como os espaços públicos e semi-públicos adjacentes ao bairro onde essas práticas são operacionalizadas, até chegar a interações mais amplas.

Observou-se, nas escolas de samba de Belém, especialmente as de pequeno porte, freqüentadas durante a pesquisa de campo, um processo educativo na feitura/preparação do desfile carnavalesco, no qual uma parte significativa dos trabalhadores do carnaval são moradores do bairro ou bairros próximos à Escola. São brincantes e ao mesmo tempo aprendizes e/ou mestres no processo de elaboração e execução das tarefas que incluem saberes práticos, aprendidos nas casas e nos espaços da rua que são utilizados para o desenvolvimento das práticas carnavalescas. Adultos e crianças, homens e mulheres aprendem fazendo, em um processo que é, ao mesmo tempo, de trabalho, que exige esforço, concentração e que pode ser extenuante e também conflituoso ao longo dos dias e semanas mais próximos à data do evento carnavalesco, mas que pode ser também divertido, lúdico, repleto de brincadeiras jocosas, bordões populares, ditos satíricos, confirmando que não há separação rígida, nessa esfera pública popular, entre trabalhos e lazeres, conceitos cujos sentidos e funções não são fáceis de definir/domesticar, pois o trabalho pode ser prazeroso e o lazer pode ser penoso; o trabalho pode ser artístico, permeado por valores estéticos populares, enquanto o lazer pode ser regulado, controlado, avaliado em termos econômicos; o trabalho pode ter um conteúdo lúdico, catártico, inercial e desestressante, enquanto o lazer pode ser uma forma de resistência ou um campo dinâmico de mobilização e ação popular.

As festas, por eles produzidas, guardadas na memória coletiva, e por eles transmitidas, a jovens e adultos, através de modelos próprios de *saber-fazer* ou *aprender-ensinando*, são exemplos modelares de uma prática cultural vivida no espaço do bairro, assim como de uma política cultural que, mesmo subordinada aos poderes públicos e com eles negociada, tem sua esfera de autonomia na elaboração de uma agenda de atividades por eles definidas como legítimas expressões da cultura popular. Isso acontece, por exemplo, nas escolhas dos temas e enredos que serão desenvolvidos nos eventos juninos e carnavalescos, que são apresentados e debatidos e, após escolhidos, são elaborados e encenados, assim como nos usos e apropriações dos espaços privados e públicos de encenação, ou na formatação final dos eventos festivos.

Através da circulação, transmissão, produção de saberes práticos, os trabalhadores / brincantes do carnaval aprendem / ensinam um conjunto de técnicas artesanais, corporais e

institucionais, que compõem seu capital social (Coleman, 1988; Bourdieu, 1999), um conjunto de conhecimentos preservados através da memória e transmitidos oralmente e/ou também através de expressões não-verbais, são colocados em ação/operação em uma esfera pública popular (Costa, 2002), cujos espaços físicos e simbólicos se alimentam das formas lúdicas, miméticas, jocosas e mesmo conflituosas de interação.

O conceito de **agência**, central na análise da relação entre estrutura e sujeito (Giddens, 1989), foi re-apropriado aqui, em um nível micro de análise, para tratar das capacidades relacionais dos sujeitos para estabelecer vínculos e obter recursos materiais ou simbólicos para produzir/ao produzir eventos (como as festas) através de diversas mediações construídas em suas práticas cotidianas⁴.

Entre os exemplos de agência observados, destacam-se as atividades relativas à organização e uso dos escassos recursos disponíveis para fazer o carnaval, isto é, para que a escola de samba não apenas se apresente no desfile carnavalesco oficial, mas consiga de fato “concorrer” e, principalmente, não ser rebaixada para uma categoria inferior. Para alcançar esse objetivo, é necessário, *contingenciar* o capital social familiar e/ou do grupo mais amplo disponível, colocando em operação as redes de relações através das quais esse capital circula.

Isso implica, entre outras coisas, em negociar com outras escolas, que concorrem em categorias diferentes, localizadas no bairro, mas também fora do bairro; negociar com pessoas de fora e de longe, especialmente a venda ou doação das alas (fantasias e adereços) para que as mesmas possam ser preenchidas. Negociar recursos com prefeitura do interior do estado, a partir de acordos feitos que envolvem a escolha de “enredos de encomenda”, não muito elogiados (visto que o *melhor* enredo é sempre o que toma a cultura como um objeto autônomo e digno de interesse, para falar das expressões e manifestações culturais do bairro, da cidade e da região), mas muitas vezes necessários à consecução do projeto carnavalesco mais amplo, que consiste, em primeiro lugar, em sobreviver, isto é, manter-se ao menos na mesma posição para poder, enfim, realizar a tarefa mais nobre de “mostrar nossa cultura, nosso conhecimento, nossa arte” ao público em geral; negociar espaços para a fabricação das alegorias (barracão de grande ou médio porte) e fantasias e adereços (barracão de médio ou pequeno porte, que podem e são muitas vezes substituídos pelos espaços, quando disponíveis, dentro da sede (que muitas vezes é a própria casa), nas antigas sedes sociais (como o Aliança Sport Club, localizado na fronteira Jurunas/Cidade Velha) ou ainda novas sedes das associações comunitárias (como o Centro Comunitário Allan Kardec, localizado no bairro da

⁴ Segundo Ema-Lopez (2004: 20-22), “ter agência é estar em situação (relacional) de funcionar gerando conexões a partir de outras conexões (...) nossa agência é nossa capacidade de estabelecer vínculos, de articular, de participar, junto com os outros”.

Condor); negociar com grupos especializados em diversas atividades culturais, como quadrilhas juninas e as bandas escolares, incluindo o trabalho (remunerado ou não) do coreógrafo que ensaia as quadrilhas e as bandas, é uma opção para as escolas de samba que não dispõem de bailarinos profissionais para compor sua Comissão de Frente.

Conclusão

Em síntese, formas de *sociabilidade festiva* produzidas nesses eventos e espaços do bairro podem ultrapassar o nível puramente lúdico e abrir um espaço político de discussão e auto-conscientização acerca de questões relativas a direitos de reconhecimento e legitimidade, dos grupos envolvidos, para fazer escolhas, realizar suas práticas, negociar apoios e lealdades e, enfim, somar, contabilizar, negociar e ampliar o conjunto de artifícios e estratégias disponíveis. Como uma dimensão que articula diversão lúdica e ação política, na qual os participantes acionam redes de sociabilidade local (ou que ultrapassam o nível local) e negociam, nas diversas instâncias do mundo urbano, estratégias de enfrentamento de questões fundamentais à sua existência cotidiana, essa *esfera pública popular* permite atualizar processos de *reflexividade, criatividade e agência* dos sujeitos locais, entre os quais pode ser incluída sua capacidade de organização e mesmo de *improvisação* para criar modos de negociação e redes de articulação que podem abrir espaços e cenários sociais e simbólicos para as mais diversas formas de ação popular e reivindicação comunitária. Estas formas, mesmo incluindo uma agenda de lutas por acesso à moradia, emprego e renda dignos, participação cívica e direitos de cidadania em geral, não abrem mão do direito ao lazer e às festas *tradicionais* que costumam realizar, como *legítimas* expressões de uma identidade local.

Saber jogar o jogo da sociabilidade, saber relacionar-se, ter amigos, circular pelos diferentes espaços do bairro, saber como e quando acionar as redes de relações que são, ao mesmo tempo, redes de conhecimento e poder, são astúcias utilizadas pelos sujeitos na trama cotidiana de viver e sobreviver no espaço urbano. Como indicado pela pesquisa de campo, essas redes de relações podem ser bastante operativas quando articuladas nos espaços e tempos das festas, misturando as esferas de trabalho, religião, consumo e lazer, mobilizando diferentes recursos sociais e simbólicos, demonstrando a capacidade dos sujeitos comuns em racionalizar os meios e os recursos disponíveis, tanto humanos quanto econômicos. Nesse contexto, redes de parentesco, assim como redes associativas de todo tipo, são formas coletivas, mais do que individuais, de *atualização*, no sentido de colocar em pauta os temas e problemas de maior interesse dos moradores do bairro, e de *atuação*, no sentido de uma

tomada de posição e de decisão sobre formas de mobilização para alcançar os objetivos desejados. Através dessa *agência*, pode-se perceber a presença de relações criativas e produtivas entre formas de sociabilidade e as práticas culturais, demonstrando que a sociabilidade festiva pode ser também uma forma de ação.

Bibliografia:

- AMARAL, Rita. 1998 Festa à brasileira. Tese de Doutorado em Antropologia / USP.
- AUSTIN, John. 1990 Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas [1962].
- AZEVEDO, Yolanda. 2005 Práticas culturais como práticas educativas. Diss. Mestrado, PPGE/UFPB.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1981 Sacerdotes da viola. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. 1999 Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2002 Esboço de uma teoria da prática. Oeiras: Celta [1972]
- _____. 2007 A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp [1979].
- CAVALCANTI, M Laura. 2002. Os sentidos no espetáculo. Revista de Antropologia, USP, v 45 (1).
- COLEMAN, James. 1988 Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology, 94.
- CONNERTON, Paul. 1989 How societies remember. Cambridge University Press.
- COSTA, Xavier. 2002 Festive traditions in modernity. The Sociological Review, v. 50, nº 4.
- DE CERTEAU, Michel. 2000 A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes [1990].
- FERREIRA, Clélio Palheta. 2008 Sociabilidade festiva e espaço público: O caso da Passagem Pedreirinha do Guamá em Belém-Pará. Relatório PROPESP/UFPA.
- FORTUNA, Carlos. 1999 Os novos espaços públicos. Revista Crítica de Ciências Sociais, 54.
- GEERTZ, Clifford. 1978 A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar [1973].
- HOGGART, Richard. 1975 As Utilizações da Cultura. Lisboa: Presença [1957].
- HUYSEN, Andréas. 2000 Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- LEACH, Edmund. 1976 Ritualization in man in relation to conceptual and social development. In: Reader in Comparative Religion, Lessa & Vogt (orgs). New York: Harper and How.
- MAGNANI, José Guilherme. 1984 Festa no pedaço. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1996 Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. 2006 Vem do bairro do Jurunas. Tese de Doutorado, Antropologia/UFPE.
- _____. 2008 Festas populares em Belém: sociabilidade festiva e práticas culturais em espaço urbano. Relatório PROPESP/UFPA.
- SIMMEL, Georg. 1983 Simmel. Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.
- TAMBIAH, Stanley. 1985 Culture, thought and social action. Harvard University Press.
- THOMPSON, Edward. 1987 A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra [1963].
- VASCONCELLOS, Cristina. 1999 E no samba fez escola... Diss. Mestrado em Artes/ UFF.
- WILLIAMS, Raymond. 2000 Cultura São Paulo: Paz e Terra.